



Tomara Que Não Chova

ou

A Incrível História do Homem que se Transformou em Cachorro

por **Max Reinert**

(livremente inspirado em Samuel Beckett, Oswald Dragun e Marina Colassanti)

*(Atmosfera circense. **Ele** e **Ela**, recebem o público. Quando todos estão nos seus lugares, ajustam as luzes e mantêm-se em lados opostos do palco)*

Ela: Onde agora?

Ele: Quando agora?

Ela: Quem agora?

Ele: Sem me perguntar. Dizer eu. Sem pensar

Ela: Chamar isso de perguntas, hipóteses

Ele: Ir adiante

Ela: Chamar isso de ir

Ele: Chamar isso de adiante

Ela: Pode ser que um dia, primeiro passo...

Ele: Vai!

Ela: ... eu tenha ficado simplesmente ali...

Ele: Onde?

Ela: ...em vez de sair, seguindo um velho hábito

Ele: Passar dia e noite tão longe de casa quanto possível

Ela: Pode ter começado assim

Ele: Não farei mais perguntas

Ela: Você só pensa em descansar, para agir melhor depois, ou sem segundas intenções, e eis que em muito pouco tempo já se está na impossibilidade de fazer nada

TÉSPIS CIA DE TEATRO

Rua Ernesto Kobarg, 45 – bairro São João, Itajaí, SC CEP: 88.304-460 - tespis@tespis.com.br www.tespis.com.br
Fone: (47) 3249 0009 / 9990 1516 / (48) 9948 3578 - CNPJ: 00.758.586/0001-58

Ele: Pouco importa como isso se deu

Ela: Isso! Dizer isso. Sem saber o quê

Ele: Parece que falo. Não sou eu. De mim. Não é de mim

Ela: São algumas generalizações para começar

Ele: Como fazer? Como vou fazer? Que devo fazer, na situação que estou? Como proceder?

Ela: O fato, parece ser, se na situação que me encontro se pode falar de fatos, não apenas que eu vá ter que falar de coisas das quais não posso falar, mas ainda, o que é ainda mais interessante, que eu... não sei mais... não faz mal

Ele: Entretanto

Ela: Somos obrigados a falar

Ele: Não me calarei nunca

Ela: Nunca

Ele: É preciso dizer depressa

Ela: Se puder

Ele: E os objetos? Qual deve ser a atitude em relação aos objetos?

Ela: Primeiro de tudo: são necessários?

Ele: Que pergunta

Ela: O melhor é não decidir nada a respeito

Ele: De antemão

Ela: Se um objeto se apresentar, por uma razão ou por outra, levá-lo em conta

Ele: Lá onde há pessoas, há coisas – dizem

Ela: O que é preciso evitar, não sei porque, é o espírito do sistema. Pessoas com coisas, pessoas sem coisas, coisas sem pessoas, não importa, conto mesmo poder desbaratar tudo isso em pouco tempo

Ele: O mais simples seria não começar

Ela: Mas somos obrigados a começar

Ele: Quer dizer, somos obrigados a continuar



Ela: Estou tranquilo

Ele: Vamos?

(Pausa. Esperam que alguém se mova)

Ela: Antes, entretanto, é necessário dar-lhes oportunidade

Ele: Sempre

Ela *(acendendo uma luz e apontando para um ponto do palco):* Alguém?

Ele: Sim?

Ela: Não?

Ele: Talvez?

Ela: Quem sabe depois?

Ele: Não se apressem

Ela: Nem sempre é simples começar

Ele: Ou continuar

Ela: Mas é indispensável

Ele: Imprescindível – eu diria

Ela: Inevitável

(Pausa longa)

Ele: Ele. *(pausa)* Dizer ele

Ela: Um homem. Dizer um homem. Quase sempre homem. Quase sempre ele.
Dizer quase sempre

Ele: Quase homem. Dizer isso

Ela: Dizer quase



(Mudança de clima. **Ele** afasta-se. **Ela** dirige-se ao centro do palco onde há um cubo. Levanta do piso uma máscara. Coloca em si)

Ele: Fazia um tempo que aquela sensação de desespero não o encontrava. Ou talvez ela estivesse sempre ali. À espreita. Enquanto ele fazia força para se manter de pé. Setecentos e cinquenta quilos de aço, cimento e mármore sobre os ombros. Setecentos e cinquenta anos de expectativas sobre o cérebro. Tudo arranjado de tal maneira que ele, durante um tempo razoável, pôde fingir confortavelmente ser feliz. Mas, se por acaso, em algum momento ele se distrai? Numa tentativa patética de descobrir onde errou, revira as memórias. Tenta encontrar uma maneira de colocar a culpa nos outros. Como se os outros não estivessem somente tentando manter-se de pé. Tentando desesperadamente encontrar, sob setecentos e cinquenta quilos de motivos, razões para continuar ali. E enquanto se debate tentando esconder o desamparo, o aço, o cimento, o cérebro, os furos e os disparos, o tempo passa.

Ela (para o público): Onde agora? Quando agora? Quem agora? (Pausa. Apontando para a máscara) Eis um homem. Quase humano. Dizer humano. Mas nem sempre é suficiente ser homem. O fato, se é que podemos falar de fatos, é que, às vezes, somos quase. Ele. Dizer ele. Nasceu homem. Não nascemos todos? Mas hoje, se é que sabemos que dia é hoje, ele é quase. Quase homem de tão pobre. Quase preto. Dizer preto. Quase branco de tão pobre. Dizer pobre. Quase humano. Quase. Quase cachorro. Quase. E estava triste. Dizer triste. Ele era quase nosso amigo. Poderia dizer vizinho. Quase vizinho. Poderia dizer conhecido. Ele procurava trabalho. Dizer emprego. Ele procurava emprego. Ele precisava sustentar sua família. Ele sonhava com a vida. Dizer sonho. Ele acordava gritando durante a noite. Ele. Não dizer mais ele. Isso. Dizer isso. (pausa) Isso acordava gritando durante a noite. Isso quase preto de tão pobre. Ou quase branco. Quase branco de tão pobre. Isso quase humano. Dizer quase. Vivendo agora aqui. Onde aqui? Dizer canil. Isso viver aqui agora. No canil. Dizer canil. Isso. No canil. Agora

TÉSPIS CIA DE TEATRO

Rua Ernesto Kobarg, 45 – bairro São João, Itajaí, SC CEP: 88.304-460 - tespis@tespis.com.br www.tespis.com.br
Fone: (47) 3249 0009 / 9990 1516 / (48) 9948 3578 - CNPJ: 00.758.586/0001-58



(Deixa a escultura pendurada no cubo. Caminha para trás e entra em um cubo maior. Dá-se conta)

Ele *(para o público)*: O tempo passa. O verão. O outono. O inverno. A primavera

Ela: Mentira! Nunca houve primavera

Ele: E novamente o verão. E novamente o outono. E novamente o inverno. E voltamos. E viemos visita-lo. Ignoro se está de joelhos ou de pé. Ainda mantém a coluna ereta? Ele. Cachorro. *(Ela aproxima-se e sussurra algo em seu ouvido)* 'Isso'. Terá uma história? Terá alguma coisa a dizer? Terá um passado? E o mais importante: Será que queremos conhecer sua história? São por baixo umas mil palavras com as quais não contávamos. Talvez 'isso' tenha necessidade delas. Das palavras. Das histórias. Eis algo que pode facilitar nossa exposição. A memória. Isso me ajudaria também, já que a mim também devo atribuir um começo. *(Para Ela)* Será que devemos então lançar mão de diálogos? Melhor mesmo será que ele nos conte. Nos dê sua versão dos fatos. Se é que ainda podemos falar de fatos

Ela *(para o público)*: O que 'isso' pode lhes dizer?

Ele: Fatos. Atenha-se aos fatos

Ela: Os fatos. Os fatos. Os fatos

Ele: Os fatos

Ela: 'Isso'. Fatos. Memória

Ele: Acesse os fatos

Ela: Acessando a memória. Buscando fatos. Fazendo atualização das lembranças. Iniciando história. *(encontra uma moldura)* Tudo começou da maneira mais corriqueira. Fazia três meses que 'isso' procurava emprego. Três meses que 'isso' procurava trabalho. Três meses. Três dias. Três anos. Não sei mais. 'Isso' batia de porta em porta. 'Isso' perguntava. Algum trabalho pra mim? Algum emprego pra mim? Não há vagas, diziam. Não há vagas. 'Isso' amanhecia nas salas de espera. 'Isso' se sentia preso num universo redundante. Não há vagas. Não há vagas. Não

TESPIS CIA DE TEATRO

Rua Ernesto Kobarg, 45 – bairro São João, Itajaí, SC CEP: 88.304-460 - tespis@tespis.com.br www.tespis.com.br
Fone: (47) 3249 0009 / 9990 1516 / (48) 9948 3578 - CNPJ: 00.758.586/0001-58

há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há mais memórias. Só repetições. Uma memória feita de repetições

Ele: Acesse os fatos

Ela: Não há outros fatos

Ele: Acesse os fatos

Ela: 'Isso' não tem mais fatos

Ele: 'Isso' não quer acessar os fatos

Ela: 'Isso'. No canil. Agora

Ele: 'Isso' precisa olhar pra fora

Ela: 'Isso' prefere o canil agora

Ele: 'Isso' está mentindo. Dizer fingindo. 'Isso' está fingindo

Ela (cortando): Não. *(Retornando ao tom anterior)* Dizer não. 'Isso' gosta do canil. Dizer acostumado. 'Isso' está acostumado com o canil. 'Isso' tem água. Dizer comida. 'Isso' tem comida. 'Isso' não pega chuva. Não precisa mais pedir emprego. Não precisa mais voltar pra casa e ficar com vergonha de não ter dinheiro pra pagar todas as contas. 'Isso' está acostumado com o canil

Ele (entendendo): A gente se acostuma com tudo

(Pausa longa. Mudança de clima. Música "Sin Oficio" – Sistema Solar. Ele e Ela começam a procurar emprego. Alternam-se, repetidas vezes, nos papéis de empregados e empregadores. Ao final, exaustos, desistem)

Ela: Se eu fosse 'isso', parava para descansar

Ele: Descansar

Ela: Dormir. Morrer. Mais nada

Ele: Descansar

Ela: Se eu fosse você, parava para descansar. Dormir. Morrer. Mais nada

Ele: Descansar

Ela: Se eu fosse eu parava para descansar

Ele: Descansar

(pausa)

Ele: Dormir? Morrer? Mais nada?

Ela: Descansar

Ele: Setecentos e cinquenta quilos de aço, cimento e mármore sobre os ombros.

Ela: Descansar

Ele: Isso!

Ela: Isso?

Ele: Isso

Ela: Isso???

Ele: Isso?

Ela: Isso!

Ele: Isso!

Ela: Dormir. Morrer. Mais nada

(Pausa longa. Mudança de clima. Ele dorme. Ela tira do bolso uma banana e lentamente começa a comer)

Ela *(para a plateia):* Quem, agora? Eu? Eu agora. Uma oportunidade. Estou contente. *(pausa)* O que faço agora que estou contente? *(pausa)* Como continuar? *(pausa)* Eu acessando a memória. Eu buscando fatos. Eu fazendo atualização das lembranças. Eu escrevendo de novo a história. *(pausa)* Ele acordando sempre bem cedo. Ele tomando café da manhã. Ele com uma esposa. Ele se integrando ao mundo. Ele ligando a tv. Ele procurando emprego. Quando agora? Onde agora? *(pausa)* Como? *(pausa)* Como chegamos do homem ao chão?



(Mudança de clima. Música “Hope There´s Someone” – Anthony and The Johnsons.

***Ele** e **Ela** buscam um andor coberto com um véu fúnebre. Atravessam o palco fazendo um cortejo. Depositam o andor e ao retirar o véu vemos a estátua de um cachorro. **Ela** chora ainda mais alto)*

Voz em off. Faleceu nesta madrugada o valoroso colaborador Átila. Durante 25 anos prestou serviços da mais alta qualidade para a empresa. Desde o primeiro latido, até a última ronda, seu lema era servir sempre e com alegria. Seu corpo foi sepultado no cemitério da cidade e para ele foi erguido um mausoléu para nos lembrar sempre dos seus feitos extraordinários. Abre-se agora uma vaga no corpo de empregados da empresa para um novo cachorro do guarda noturno. Busca-se alguém para realizar o mesmo serviço que Átila prestava, mas nunca para ocupar o seu lugar. Átila permanecerá sempre em nossos corações.

*(Enquanto escutam a voz em off, **Ele** e **Ela** reorganizam o palco. Ao final do texto em off. **Ele** e **Ela** olham-se)*

Ele: Quem agora?

Ela: Sabe latir?

Ela: Hein?

Ela: Sabe LATIR?

Ele: Au.

Ela: Mais...

Ele: Au... Au?

*(**Ela** arruma a postura dele. Bate forte no estômago. **Ele** reage se curvando e soltando um ruído de dor que pode ser lido com um latido mais convincente dos que os anteriores)*

TÉSPIS CIA DE TEATRO

Rua Ernesto Kobarg, 45 – bairro São João, Itajaí, SC CEP: 88.304-460 - tespis@tespis.com.br www.tespis.com.br
Fone: (47) 3249 0009 / 9990 1516 / (48) 9948 3578 - CNPJ: 00.758.586/0001-58

Ela: Isso.

Ele: Isso?

Ela: Isso!!!

(Ela pega Ele pela mão e o leva até um setor do público)

Ela: Está vendo estes daqui? (**Ele** assente positivamente com a cabeça). São um bando de desempregados que todos os dias fazem fila pra pedir trabalho. Se eles passarem do portão pra dentro, você, au,au,au...au,au,au (*fazendo gestos de ataque*), avança sobre eles.

Ele (*Meio desconcertado*): Au,au, au...au,au, au... avança neles...

Ela: Isso, au,au,au...au,au,au... avança neles...

Ele: Au,au,au...au,au,au... avança neles...

(Ela pega Ele pela mão e o leva até outro setor)

Ele: Quem agora?

Ela: São os filhos que algumas funcionárias trazem pra empresa porque não tem com quem deixar. Mas aqui não é lugar de criança, não é mesmo?

Ele: Não mesmo...

Ela: Mas, pra não dar problema com o ministério público, com esses você au, au, pega leve

Ele: Com esses, au, au, pegar leve

Ela: Isso, pegar leve, au, au..

Ele: Pegar leve, au, au...

(Ela pega Ele pela mão e o leva até outro setor)

Ele: Quem agora?

Ela: Estes são um bando de arruaceiros... são os grevistas. Sempre que aparecer uns desses por aí, você Ruuuuuuuuuau, Ruuuuuuuuuau, acaba com ele!

Ele: Ruuuuuuuuuau , acabo com eles!

Ela: Isso mesmo, Ruuuuuuuuuau, Ruuuuuuuuuau, acaba com eles!

Ele: Ruuuuuuuuuau, Ruuuuuuuuuau...

(Ela pega Ele pela mão e o leva até outro setor)

Ele: Quem agora?

Ela: Estes são os manifestantes. É o povo que vai pra rua! Que faz selfie pra postar no facebook. São os professores. É a parada gay. Movimento contra violência. Movimento passe livre. Essa gente que acha que tem direitos. Com esses daqui, você uaurghhh, uaurghhh! Estraçalha eles!

Ele: Uaurghhh,uaurghhh, estraçalho eles!

Ela: Isso mesmo, uaurghhh,uaurghhh, estraçalha eles!

Ele: Uaurghhh,uaurghhh...

Ela: Isso! Joga gás lacrimogênico!

Ele: Uaurghhh,uaurghhh...

Ele: Mais forte!

Ele: Uaurghhh,uaurghhh...

(Ela conduz ele pelo treinamento. Vai indicando cada espaço novamente até que Ele começa a ganhar autonomia e começa a gostar desse lugar de ataque. Cada vez mais empolgado, Ele assume o papel do Cachorro. Ela tenta falar com Ele. Ele não ouve. Ela vai tocar nele. Ele a ataca e continua empolgadíssimo. Ele uiva. Descontrola-se. Ela busca uma focinheira e coloca nele. Ele para instantaneamente. Assusta-se. Olha para o publico)



(pausa)

(Ela pega uma caixa e coloca no meio do espaço)

Ela: Próximo passo: A casinha

(Ele olha para o público)

Ela: Entre

(Ele hesita)

Ela: Entre!

Ele *(analisando a casinha):* Mas a casinha é muito pequena

Ela: De quatro

Ele: Como?

Ela: De quatro!

(Ela empurra-o para o chão. Ele começa a entrar na casinha)

Ela: Aperta aqui?

Ele: Sim

Ela *(repreendendo):* Não diga sim. Você precisa começar a se acostumar. Diga “au au”

Ela: Aperta aqui?

Ele: Au au

Ela: E aqui?

TÉSPIS CIA DE TEATRO

Rua Ernesto Kobarg, 45 – bairro São João, Itajaí, SC CEP: 88.304-460 - tespis@tespis.com.br www.tespis.com.br
Fone: (47) 3249 0009 / 9990 1516 / (48) 9948 3578 - CNPJ: 00.758.586/0001-58

Ele: Au au

Ela: E aqui????

Ele: Chega! Eu não posso me abaixar tanto!

(Ele levanta-se e se dirige a outra parte do palco, recusando-se a entrar na casinha de cachorro. Ela observa-o)

Ele: Existe um momento na vida de um homem em que ele precisa saber dizer “não”

Ela: Dizer não. Dizer isso. Quem sabe agora

Ele: Parece que falo. Não sou eu. De mim. Não é de mim

Ela: É preciso dizer depressa

Ele: Se puder

(Ouve-se um trovão. Ele e Ela olham para o céu.

Ele procura pelo guarda chuva)

Ela: Chove agora

Ele: Chove agora

Ela: Dizer chuva. Mas, não olhar para chuva. Olhar para o homem. Talvez tenha sido aqui que tudo tenha começado a ruir. Setecentos e cinquenta quilos de aço, cimento e mármore sobre os ombros. Setecentos e cinquenta quilos molhados pela chuva. Quantas noites de trabalho serão necessárias passar debaixo de chuva? Quanto tempo ele irá hesitar antes de entrar na casinha? Porque se ele cede uma vez... uma única vez... que garantias tem que não vai fraquejar de novo. Ele. Homem. Quase homem. Quase cachorro. Quase ‘isso’. Resiste?

Ele: E, por causa da chuva, eu fui obrigado a entrar na casinha

Ela: A gente se acostuma com tudo

Ele (contrariado, entrando na casinha): A gente se acostuma com tudo



Ela (para o público): Poderíamos pedir: Tomara que não chova. Mas a chuva também é necessária. Que chova pouco então. Que chova somente nos momentos em que ele não esteja trabalhando. Poderíamos pedir. Tomara que não chova. Mas uma chuva também pode ser fabricada. Fabricada repetidas vezes até que entrar na casinha se torne um hábito. Dizer costume. Costume. Até que se fabrique, na gente, o costume da obrigação. Tomara que não chova. Mas, mesmo que não chova, existe o sereno. Mesmo que não chova, existe o frio. E, dia a dia, entrar na casinha vai deixando de ser um costume e vai passando a se tornar lei. Ele. Isso. Homem. Já não sabe porque entrou na casinha. Já não lembra de que precisa se abaixar tanto para caber na casinha.

Ele (coçando a orelha com o movimento característico dos cães): A gente se acostuma com tudo

Ela: Hábito. Costume. Prática. Regra. Uso. Praxe. Costume. Rotina. Mania. Conduta. Comportamento. Costume. Cacoete. Vício. Obsessão. Dependência. Moda. Regra. Costume. Norma. Lei

(Ele põe a língua pra fora e começa a respirar como um cão. Ele continua na casinha. Ela ocupa o centro do espaço)

Ela: O tempo passa. O verão. O outono. O inverno. Nunca a primavera. E novamente o verão. E novamente o outono. Novamente o inverno. Ele voltava pra casa e encontrava sua esposa. Estava triste

(Ele entra em casa. Ela o olha e sorri. Ele sorri, sem graça, e abaixa a cabeça)

Ele: Mas eles me disseram, eles prometeram... que assim que um trabalhador de verdade, se aposentasse, morresse ou fosse despedido, a vaga seria minha... minha!

Ela (puxando assunto): Hoje tivemos visitas

TÉSPIS CIA DE TEATRO

Rua Ernesto Kobarg, 45 – bairro São João, Itajaí, SC CEP: 88.304-460 - tespis@tespis.com.br www.tespis.com.br
Fone: (47) 3249 0009 / 9990 1516 / (48) 9948 3578 - CNPJ: 00.758.586/0001-58

Ele: Ah é?

Ela: Lembra quando nós íamos aos bailes? Nos clubes... (**Ele** não responde)
Lembra?

Ele: ãã...

Ela: Qual era o nome da nossa música preferida?

Ele: Não lembro...

Ela: Como não? Era uma valsinha... como era mesmo o nome?

*(**Ela** o olha e percebe que **Ele** está de quatro, coçando-se)*

Ela: O que você está fazendo?

Ele: Não aguento mais isso!

*(**Ele** tira a focinheira, levanta-se e sai da casa. Começa a andar em torno da casa, sem rumo. Corre. **Ela** espera que ele continue a história)*

Ela (para Ele): O que, agora?

Ele: Não aguento mais isso!

Ela (para Ele): Atenha-se aos fatos

Ele: Não há mais memórias!

Ela (para Ele): Atenha-se aos fatos!

Ele: Isso não tem mais fatos

Ela (para Ele): Isso está mentindo

Ele: Isso está procurando trabalho. Dizer emprego. Isso está procurando emprego

Ela (para Ele): Isso já tem um emprego

Ele (parando): Não! Não aquele emprego. Isso se demitiu daquele emprego!

Ela (para Ele): Isso! Dizer isso! Dizer não àquele emprego

Ele: Isso está de novo sem trabalho

Ela: Dizer emprego

Ele: Isso está de novo nas salas de espera

Ela: Tem algum emprego pra mim?

Ele: Tem algum trabalho pra mim?

Ela: Qualquer coisa

Ele: Qualquer coisa

Ela: Não há vagas

Ele: Não há vagas

Ela e Ele (juntos): Não há vagas. Não há vagas. (**Ele volta a correr**) Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. (**Ele vai cansando e deita-se no chão**) Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas. Não há vagas.

Ela: A não ser que...

Ele (levantando-se): A não ser...

Ela: A não ser que... Ontem a noite morreu outro cachorro do guarda noturno. Tinha 35 anos. Não há salário, somente uma ajuda de custo. Mais a casinha e a comida. É pegar ou largar...

Ele (desanimado): E tive que voltar a aceitar...

(**Ele volta pra casa**)

Ela: Claro que, com essa ajuda de custo, não dá pra pagar um aluguel...

Ele: Mas como eu tenho a casinha, ela poderia se mudar para uma pensão com mais umas quatro ou cinco mulheres...

Ela: Não há outra solução. E como o dinheiro também não dá para a comida...

Ele: Olha, como eu já me acostumei ao osso, eu poderia lhe trazer a carne

Ela (para Ele): Claro... (*para o público*) Claro...

Ele (para o público): Ele já havia se acostumado

Ela: A gente se acostuma com tudo! O fato, se é que ainda adianta falar de fatos, é que a casinha já parecia maior. Andar de quatro não era muito diferente de andar de pé. E com a esposa, ele se encontrava na praça. Até que, numa noite, conversavam e ela se sentiu mal

Ele: O que houve?

Ela: Estou enjoada

Ele: Você comeu alguma coisa que te fez mal?

Ela: Acho que vou ter um filho

Ele: E por isso você está triste?

Ela: Não quero ter um filho!

Ele: Por que? (**Ela não responde**) Diga! Por que?

Ela: Tenho medo.... que seja... um cachorro

(Ele sente o impacto dessa fala. Cai no chão e coloca uma máscara que deforma seu rosto. Levanta-se e vai para o fundo palco)

Ela: Se foi. Se foi correndo. Às vezes levantava, às vezes corria de quatro. Não. Não é verdade. Não conseguia levantar-se. As pessoas o olhavam. Espantavam-se. O que é isso? – diziam. Está bêbado – diziam. Chamem um médico! Chamem a polícia! – diziam. Isso. Quase homem. Quase cachorro. Corria. Até não conseguir mais. Até não ter mais forças. Setecentos e cinquenta quilos sobre os ombros.

(Sobre Ele são projetadas imagens diversas. Chove)

(Ela abre uma sombrinha iluminada por Leds e atravessa o palco até chegar perto de onde Ele está. Olha-o)



Ela (para o público): Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude. A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia. A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração. A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto. A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra. A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnordeado, lançado na infundável catarata dos produtos. A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter

TÉSPIS CIA DE TEATRO

Rua Ernesto Kobarg, 45 – bairro São João, Itajaí, SC CEP: 88.304-460 - tespis@tespis.com.br www.tespis.com.br
Fone: (47) 3249 0009 / 9990 1516 / (48) 9948 3578 - CNPJ: 00.758.586/0001-58



sequer uma planta. A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado. A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

(A chuva para. Música “Algo Está Cambiando” – Bomba Stereo)

(Black-out)